

A REPORTAGEM E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O LUGAR DO GÊNERO DISCURSIVO NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS DO ENSINO MÉDIO

Manassés Morais Xavier; Maria de Fátima Almeida

Universidade Federal de Campina Grande; Universidade Federal da Paraíba

manassesmxcavieir@yahoo.com.br; falmed@uol.com.br

Resumo: Partindo do pressuposto de que o livro didático é o suporte pedagógico mais utilizado pelos professores em sala de aula e tendo a Análise Dialógica do Discurso (ADD) como norte teórico, principalmente no tocante à concepção de gêneros discursivos analisados a partir de três dimensões – *tema, composição e estilo* – (BAKHTIN, 2010a), bem como a teoria dos gêneros jornalísticos (COTTA, 2005; PENA, 2008), objetivamos, neste trabalho, de modo geral, *verificar* como se dá a abordagem discursivo-dialógica do gênero jornalístico informativo reportagem em um livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio. De modo específico, destacamos: *realizar* uma análise sobre as estratégias didáticas realizadas pelo autor do livro para desenvolver, didaticamente, a abordagem do gênero, enfatizando, com isto, as relações dialógicas estabelecidas nelas – nas estratégias – e *refletir*, a partir da ADD e da teoria dos gêneros jornalísticos, como o livro didático pode contribuir com a formação de alunos e professores cada vez mais reflexiva. Do ponto de vista teórico, tivemos contribuições de estudiosos como Bakhtin (2010a; 2010b), Tezza (2003), Cotta (2005), Pena (2008), dentre outros. Do ponto de vista metodológico, analisamos o livro didático de Língua Portuguesa utilizado em escolas públicas estaduais localizadas no município de Campina Grande – PB, nos anos de 2016 e 2017, a saber: “*Ser protagonista: Língua Portuguesa*”, 1º ano do Ensino Médio, publicado, em 2013, pela Editora SM e assinado por Rogério de Araújo Ramos. Os resultados apontam que a abordagem do gênero está direcionada a uma perspectiva dialógica, uma vez que os textos utilizados pelo autor do livro didático convocam sentidos historicamente situados e que vão ao encontro da natureza composicional, temática, bem como do estilo da reportagem, proporcionando, na abordagem do gênero, reflexões didáticas que orientam os alunos a uma perspectiva de usos linguísticos dialógicos e situados em atividades específicas de comunicação social.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso. Gêneros Discursivos. Livro Didático. Reportagem.

Introdução

O livro didático continua sendo um dos principais recursos do professor em sala de aula. Isto é um fato! E, por consequência deste fato, defendemos o investimento em pesquisas científicas que tenham como *corpus* este recurso, no sentido de promover, sobretudo, discussões que ponderem sobre como o ensino das disciplinas curriculares da Educação Básica, particularmente a Língua

Portuguesa, vem sendo abordado nestes livros, orientando a prática docente e formando alunos que necessitam cada vez mais de uma construção de conhecimento reflexiva.

Sendo assim, objetivamos neste trabalho, de modo geral, *verificar* como se dá a abordagem discursivo-dialógica do gênero jornalístico informativo reportagem em um livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio. De modo específico, destacamos: *realizar* uma análise sobre as estratégias didáticas realizadas pelo autor do livro para desenvolver, didaticamente, a abordagem do gênero, enfatizando, com isto, as relações dialógicas estabelecidas nelas – nas estratégias – e *refletir*, a partir da Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD) e da teoria dos gêneros jornalísticos, como o livro didático pode contribuir com a formação de alunos e professores situada em contextos concretos de comunicação discursiva.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se caracterizou como documental, em que analisamos um livro didático de Língua Portuguesa utilizado em escolas públicas estaduais localizadas no município de Campina Grande – PB (eis o critério de escola do *corpus!*), nos anos de 2016 e 2017, a saber: “*Ser protagonista: Língua Portuguesa*”, 1º ano do Ensino Médio, publicado, em 2013, pela Editora SM e assinado por Rogério de Araújo Ramos.

A seguir, apresentamos a fundamentação teórica da pesquisa que consiste numa reflexão sobre os conceitos de dialogismo e de gêneros do discurso, bem como da didatização de gêneros e, de modo singular, da reportagem jornalística.

A reportagem enquanto gênero discursivo do campo jornalístico

A reportagem é um gênero discursivo que faz parte da esfera jornalística e que apresenta textos com informações específicas de situações observadas de forma direta. Muitas vezes, as pessoas confundem com uma notícia, uma vez que ambos os gêneros têm o objetivo de informar de forma narrada alguns fatos e acontecimentos, conforme menciona Lucena (2015).

Segundo Xavier (2010), a reportagem é uma forma de textualização que, diferentemente da notícia, caracteriza-se por alargar ou detalhar a construção textual de referência a determinado fato ou acontecimento. Ela exige do jornalista um maior comprometimento com a informação, uma vez que dá margem para a busca de diversas fontes que se inserem como determinantes no processo de compreensão do texto.

O gênero reportagem pode ser televisionado, radiofonizado ou impresso, ambos com características diferentes. Quando televisionada, a reportagem deve ser transmitida por um repórter

que utilize uma linguagem clara, direta, precisa e sem incoerências. E também deve saber utilizar a entonação que dá vida às palavras, uma vez que o repórter representa na fala os sinais de pontuação. Quando a reportagem é impressa, o repórter que a edita deve demonstrar capacidade intelectual, criatividade, sensibilidade quanto aos fatos e uma escrita coerente, que dinamiza a leitura e a torna fluente. Desta forma, a subjetividade está mais presente nesse tipo de reportagem impressa do que na TV.

Esse gênero, quando escrito e oral também, apresenta algumas características peculiares como: *manchete*, *lead* e *corpo*. *Manchete*: compreende o título da reportagem que tem como objetivo resumir o que será dito. Além disto, deve despertar o interesse do leitor. *Lead*: pequeno resumo que aparece depois do título, a fim de chamar mais ainda a atenção do leitor. *Corpo*: desenvolvimento do assunto abordado com linguagem direcionada ao público-alvo.

Sabemos que no meio jornalístico existem vários gêneros, dos quais tomamos conhecimento/contato diariamente. A reportagem, assim como a notícia, representa tal modalidade, cujo objetivo é proporcionar ao público leitor/expectador a interação com os fatos decorrentes da sociedade; e se trouxermos estes gêneros para a prática na sala de aula estaremos proporcionando ao alunado a oportunidade de reconhecer o uso e a função da língua dentro desses gêneros, além de aprender e refletir sobre o uso da linguagem em vários ambientes, ou seja, além de saber utilizar a língua na escola, o aluno conseguirá interagir em outros ambientes sociais.

Daí, neste trabalho, defendermos a reportagem enquanto um gênero específico da comunicação discursiva do jornalismo informativo. Tais características já denunciam a singularidade da reportagem no universo da comunicação discursiva das atividades languageiras do jornalismo. Logo, trata-se de uma prática social específica que cumpre propósitos comunicativos também específicos.

O próximo tópico contempla uma discussão sobre a abordagem do gênero discursivo reportagem em um livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio que funcionou como *corpus* da pesquisa. Isto é, seguem as análises empreendidas neste trabalho.

A abordagem do gênero reportagem no livro didático: que relação contempla, ou não, com a teoria de gêneros de Bakhtin?

Neste momento do trabalho apresentamos a abordagem do gênero reportagem no livro didático em análise, a saber: “*Ser protagonista: Língua Portuguesa*”, 1º ano do Ensino Médio, publicado, em 2013, pela Editora SM e assinado por Rogério de Araújo Ramos.

Situados os objetivos do capítulo do livro em análise, destacamos a **Figura 01 – Conceito do gênero discursivo reportagem**. Vejamos.

Figura 01 – Conceito do gênero discursivo reportagem

Reportagem

O gênero reportagem apresenta muitas semelhanças com o gênero notícia. Sob certo ponto de vista, a reportagem pode ser considerada uma “versão ampliada” da notícia. No entanto, possui características próprias que vão muito além do seu tamanho. Neste capítulo, você vai saber quais são essas características e conhecer um pouco sobre o trabalho do repórter. Em seguida, produzirá uma reportagem.

Fonte: (RAMOS, 2013, p. 330)

Como vemos, o conceito propagado vai ao encontro da teoria dos gêneros jornalísticos, estabelecendo as especificidades linguísticas e discursivas da reportagem, considerando a *estrutura composicional* – “*versão ampliada*” da notícia” (RAMOS, 2013, p. 330) – e *estilo* – “*possui características próprias que vão muito além do seu tamanho*” (RAMOS, 2013, p. 330). Notamos que o objetivo didático se estabelece por uma preocupação muito comum daqueles que trabalham com gêneros jornalísticos: a confusão entre os gêneros notícia e reportagem. É preciso considerar as diferenças e as semelhanças entre estes dois gêneros.

Prosseguindo com a análise, situamos as **Figuras 02.1 e 02.2 – Exemplo de reportagem** que, na **Seção Leitura** do livro, apresenta um exemplo de reportagem a ser trabalhado durante as atividades didáticas do capítulo 27.

Figura 02.1 – Exemplo de reportagem

Leitura

O texto a seguir foi publicado na revista *Veja*. Leia-o, observando os aspectos destacados quanto à sua forma. Em seguida, responda às questões propostas.

TURISMO *Retranca ou chapéu: identifica a seção*

De sofá em sofá

Um site conecta gente que quer viajar a gente que quer hospedar – ainda que as acomodações não sejam lá essas coisas

Titulo

Linha fina: resume o conteúdo da reportagem

Assinatura

Kalleo Coura

Como a maioria das boas ideias, essa surgiu de uma combinação do acaso com a necessidade. O acaso se deu quando o programador de computadores americano Casey Fenton, navegando pela internet, deparou com uma pechincha – e decidiu aproveitar o fim de semana para visitar o país. Como não conhecia ninguém lá, resolveu enviar 1.500 e-mails para estudantes de uma universidade da capital, Reykjavik, contando quem era e perguntando se não poderiam hospedá-lo. Em menos de 24 horas, recebeu mais de cinquenta ofertas e embarcou naquela que diz ter sido uma das melhores viagens de sua vida (ainda que nem de longe a mais confortável, já que seu quarto era a garagem da anfitriã). Assim nasceu o CouchSurfing, uma rede baseada na internet e destinada a conectar gente que quer viajar a pessoas dispostas a recebê-las (o endereço é www.couchsurfing.com). A expressão, que em tradução literal significa “surfe no sofá”, é uma gíria usada por estudantes americanos para se referir ao costume de hospedar-se, de forma improvisada, na casa de alguém. Criada por Casey e amigos em 2004, ela já atinge 231 países e tem perto de 800.000 usuários, mais de 17.000 deles brasileiros.



O assistente de direção Alberto Azevedo, de 25 anos, já dormiu em 18 sofás de cinco países e hospedou mais de oitenta pessoas em seu apartamento em São Paulo. É do tipo que gosta de guiar o visitante pela mão. “Faço questão de levar os estrangeiros a restaurantes típicos e apresentar a eles feijão, caipirinha e guaraná.” Azevedo diz manter contato com pelo menos metade de seus ex-hóspedes – e é justamente essa uma das ideias da rede. “Ela não existe só para ajudar viajantes a encontrar um lugar de graça para dormir”, afirma um de seus cofundadores, o também americano Daniel Hoffer. “A proposta é dar condições para que pessoas de culturas diferentes se conheçam e façam novas amizades.” A estudante de economia Luciana van Tol, de 23 anos, viajou por meio do CouchSurfing por 17 países da Europa em quatro meses. “O único lugar em que fiquei em albergue foi Istambul”, conta.

Fonte: (RAMOS, 2013, p. 330)

Figura 02.2 – Exemplo de reportagem

“Visitei os principais pontos turísticos, mas não me sentei à mesa nem conversei com uma família turca. Por causa disso, sinto que só passei por lá – não conheci a Turquia tão profundamente como os países em que me hospedei na casa de alguém”, diz.

O CouchSurfing não se responsabiliza pela segurança dos usuários, mas oferece alguns instrumentos para ajudar a aumentá-la, além dos comentários que os próprios viajantes deixam no site a respeito de suas experiências com outros usuários. Por 1,3 dólares, por exemplo, o candidato a hóspede ou anfitrião pode ganhar um atestado emitido pelo site garantindo que seu nome e endereço são verdadeiros. Essa espécie de “selo de autenticidade” aumenta sua credibilidade e, conseqüentemente, sua chance de receber ou de ser recebido. De 2004 para

cá, mais de 700.000 hospedagens ocorreram por meio da rede. Em alguns casos, o entendimento entre hóspede e anfitrião supera tanto as expectativas que um acaba se mudando em caráter permanente para a casa do outro. No ano passado, a agente de turismo Cláudia Pedrosa, 36 anos, foi recebida pelo italiano Gianluca Iorio, de 35, em Florença, para uma estada de quatro dias. A visita virou casamento. “Nas conversas pela internet, já havia percebido que tínhamos muito em comum”, afirma Iorio. Neste mês, o casamento completa um ano e as fotos do casal só não ilustram esta reportagem porque Iorio, que se mudou para o Brasil, levou Cláudia à Itália para visitar seus pais. Eles voltam nesta semana para o apartamento de Cláudia, no Rio. E já colocaram o seu sofá à disposição dos viajantes do mundo.

OS PRÓS E OS CONTRAS DO TURISMO DE SOFÁ	
VANTAGENS	DESVANTAGENS
<ul style="list-style-type: none"> • É de graça. • Permite tomar contato com o cotidiano de um habitante local. • Facilita a vida de quem quer conhecer pessoas, já que, em geral, os anfitriões estão dispostos a apresentar seus amigos ao visitante e a circular com ele pelos lugares que costumam frequentar. • Aumenta as chances de descobrir lojas, baladas e outros endereços que não constam de guias turísticos. 	<ul style="list-style-type: none"> • O anfitrião pode não ser tão bom quanto parecia no perfil <i>on-line</i>. Idem para as acomodações: quartos superlotados e sofás desconfortáveis demais são uma possibilidade. • É preciso submeter-se às regras do anfitrião: há desde os que entregam ao visitante a chave da casa até os que estabelecem horários para chegar e sair. • Como bom hóspede, o visitante pode ter de fazer pequenos serviços domésticos, como lavar a louça. • Em cidades com intenso fluxo de turistas, como Londres, o risco de não conseguir hospedagem por causa da grande procura é alto.

Revista *Veja*, São Paulo, Abril, ed. 2084, ano 41, n. 43, p. 118-119, 29 out. 2008.

Fonte: (RAMOS, 2013, p. 331)

Observamos que, de fato, o exemplo dado pelo autor do livro didático corresponde ao gênero em estudo. Percebemos no exemplo características como atemporalidade, o trabalho com a interpretação dos fatos, com seus desdobramentos e suas abrangências, contextos e conseqüências

(características verificadas ao longo do texto da reportagem e, principalmente, no quadro, denominado pelo autor de tabela, “Os prós e os contras do turismo de sofá” (RAMOS, 2013, p. 331), bem como a inserção de opiniões do repórter e dos entrevistados.

No que concerne aos destaques feitos por Ramos (2013) no enunciado da **Seção Leitura** – “Leia-o, observando os aspectos destacados quanto à sua forma” (RAMOS, 2013, p. 330) –, verificamos, inicialmente, a valorização oferecida pelo livro didático à forma, utilizando, conforme Bakhtin (2010a), a *composição* do gênero. Os destaques contidos na **Figura 02.1 – Exemplo de reportagem** dizem respeito a elementos típicos da diagramação de projetos gráficos do jornalismo, sobretudo, impresso: retranca ou chapéu, título, linha fina, também conhecida como linha de apoio, subtítulo ou sutiã, e assinatura.

As **Figuras 03.1 e 03.2** ilustram uma atividade de leitura e de interpretação do gênero: momento específico do livro didático, o de, didaticamente, trabalhar o assunto em estudo promovendo, para tanto, a construção do conhecimento sobre o conteúdo, no caso, o texto jornalístico reportagem. Vejamos.

Figura 03.1 – Atividade de leitura do gênero reportagem

Ler uma reportagem

ATENÇÃO: não escreva no livro. Responda a todas as questões no caderno.

- Quais eram os objetivos propostos na pauta de “De sofá em sofá” (boxe *Situação de produção da página 331*)? O repórter conseguiu realizar o que propôs?
- O chapéu estabelece uma classificação das reportagens pelo assunto tratado. Suponha que você é o editor da revista e que nela não exista a seção “Turismo”. Escolha outro chapéu para a reportagem “De sofá em sofá”. Justifique sua escolha.
 - Internacional
 - Economia
 - Comportamento
 - Esporte
 - Decoração
- A linha fina da reportagem antecipa o seu conteúdo.
 - Qual é o foco da reportagem?
 - Qual é a ressalva anunciada já na linha fina?

ANOTE

A estrutura da reportagem apresenta “pistas” para que o leitor identifique seu tema e se interesse por ela antes mesmo de ler o texto. O autor do texto, o título, a linha fina, as ilustrações e o chapéu que informa a seção a que pertence a reportagem, assim como os quadros, os gráficos, as tabelas e os infográficos que eventualmente a acompanham, ajudam o leitor a antecipar o conteúdo do texto.

- Releia.

[...] ainda que as acomodações não sejam lá *essas coisas*
Como a maioria das *boas ideias* [...].

O autor da reportagem “De sofá em sofá” deixa sua opinião transparecer no texto. O que as expressões destacadas revelam sobre o que o repórter pensa a respeito de seu tema?


ANOTE

Como a notícia, a reportagem é um gênero textual de caráter informativo. No entanto, nela a *subjetividade* do autor pode aparecer de forma mais explícita, por meio de expressões em primeira pessoa, opiniões e mesmo histórias pessoais relacionadas à busca por fontes e informações.

- O quadro abaixo apresenta as diferentes partes do texto. Copie-o no caderno e complete-o com a frase inicial de cada parte.

Estrutura: “De sofá em sofá”	
Parte	Frase inicial
Introdução ao tema – “boa ideia”
origem da ideia – história de Casey Fenton
o que é CouchSurfing – rede de turismo de sofá
depoimento de usuário brasileiro – Alberto Azevedo
depoimento do cofundador da rede – Daniel Hoffer
depoimento de usuária brasileira – Luciana van Tol
desdobramento 1: segurança – “selo de autenticidade”
desdobramento 2: história romântica – Cláudia e Gianluca
desfecho: frase de efeito

- O jornalista procurou fontes locais (usuários brasileiros da rede) para produzir sua reportagem. Observe o uso que ele fez dos depoimentos que coletou.
 - O que qualifica Alberto Azevedo como fonte dessa reportagem?
 - E Luciana van Tol?
 - Segundo Daniel Hoffer, qual é o objetivo da rede CouchSurfing?
 - Os depoimentos dos jovens brasileiros desmentem a declaração de Hoffer? Justifique.



Fonte: (RAMOS, 2013, p. 332)

Figura 03.2 – Atividade de leitura do gênero reportagem

7. Releia as citações a seguir.

I. “Nas conversas pela internet, já havia percebido que tínhamos muito em comum”, afirma Iório.
II. “Faço questão de levar os estrangeiros a restaurantes típicos e apresentar a eles feijoada, caipirinha e guaraná.”

A citação I é seguida de um verbo *dicendi* (*afirma*) e a identificação do entrevistado que a disse (Iório).

a) Qual é o entrevistado da segunda citação? Releia o texto para responder.
b) Como é possível saber isso?
c) Sob esse ponto de vista, a maioria das citações da reportagem se parece com a citação I ou com a II? Por qual motivo, na sua opinião, o autor usou esse recurso?

ANOTE

As etapas da reportagem são: pauta, apuração, redação e edição. Conforme indicação da pauta, o repórter inicia a investigação dos fatos ou assuntos, chamada no meio jornalístico de **apuração**. A partir do material recolhido, ele desenvolve a redação do texto, que apresenta uma visão do tema abordado. Depois, a reportagem é **editada** (revisada e/ou reorganizada) para atingir a forma ideal de apresentação ao público, segundo o padrão do veículo de comunicação em que será publicada.

Hipertexto

A retextualização é uma atividade cotidiana na vida dos falantes, não apenas na adaptação de um texto oral para a modalidade escrita. Leia mais sobre a retextualização e as relações entre fala e escrita na parte de Linguagem (capítulo 19, p. 232).

8. Quais são os mecanismos criados pelo CouchSurfing para aumentar a segurança dos viajantes? Na sua opinião, eles são eficazes? Justifique sua resposta.

9. Releia a frase final da reportagem: “E já colocaram o seu sofá à disposição dos viajantes do mundo”. Ela dá indícios de uma opinião do repórter sobre a rede CouchSurfing, além de fazer uma sugestão ao leitor. Explique.

10. A tabela “Os prós e os contras do turismo de sofá” tem a importante função de detalhar a situação-foco da reportagem em sua dimensão prática. Comente as vantagens e as desvantagens: há algo com que você não concorda? Justifique.

Fonte: (RAMOS, 2013, p. 333)

Pelas **Figuras 03.1 e 03.2** podemos verificar que das 10 perguntas elaboradas pelo autor sobre a reportagem de Kalleo Coura, publicada na Revista Veja em 29 de outubro de 2008, apenas 04 orientam o aluno para a função sociocomunicativa do gênero.

As questões 01, 02, 03, 05, 06 e 07 possuem um foco que orienta a aprendizagem dos alunos ao reconhecimento da estrutura linguística que configura a produção do gênero em estudo. Na questão 01 é enfatizada a proposta dada pelo pauteiro e o realizado pelo repórter. Nos quesitos 02 e 03, assim como no primeiro, a abordagem de Ramos (2013) recai em fazer com que os alunos observem a presença dos elementos da diagramação, chapéu e linha fina, na *composição estrutural* da reportagem, com finalidades específicas de ocupação de lugares no texto jornalístico.

A questão 05 destina-se ao reconhecimento da estrutura do gênero reportagem no exemplo retirado da Revista Veja. Trata-se de uma atividade mecânica de “copiar e colar” informações, isto é, uma atividade não reflexiva sobre os propósitos sociocomunicativos a que o gênero se presta. Esta mesma dinâmica pode ser encontrada nas perguntas 06 e 07: respectivamente, as fontes – os entrevistados – e as formas verbais são estudadas como resultado de um gerenciamento de vozes a partir de citações e de jogos entre primeira e terceira pessoas do verbo, sem refletir sobre os efeitos de sentidos que as presenças das citações e do gerenciamento de vozes verbais provocam nas enunciações possibilitadas pela circulação social da reportagem de Kalleo Coura.

Assim, verificamos que o acento dado por Ramos (2013) nestas questões está atravessado pela necessidade de destacar as etapas da produção da reportagem no contexto de uma redação jornalística: pauta, apuração, redação e edição. A circulação é enfatizada nas questões 04, 08, 09 e 10.

O quesito 04 conduz o aluno a refletir sobre os efeitos de sentidos convocados pelas escolhas não aleatórias das expressões linguísticas: “*O que as expressões destacadas revelam sobre o que o repórter pensa a respeito de seu tema?*” (RAMOS, 2013, p. 332). Este olhar para as escolhas das palavras diz respeito ao estilo do gênero que reconhece, nas escolhas, uma estratégia discursiva de difundir ideologias, posicionamentos, valorações.

É o *estilo do gênero* a dimensão, segundo Bakhtin (2010a), que se preocupa pelas relações entre o autor e o seu grupo social deflagradas pelas acentuações dadas através do uso da palavra ideológica em enunciados de gêneros do discurso. Como já mencionado neste trabalho, o *estilo* é determinado a partir das interrelações do evento descrito e do seu agente – sujeito – e pode ser alterado de acordo com a orientação social do enunciado, de acordo com as atualizações discursivas do dizer.

Assim, reconhecer tais escolhas na elaboração de reflexões didáticas sobre os gêneros nos permite afirmar que a abordagem de Ramos (2013) caminha na direção da perspectiva bakhtiniana de estudo dos gêneros, pensando-os, desde sua *composição estrutural* a seus propósitos de uso dentro da comunicação discursiva. Logo, o livro didático em questão prima por esta realidade que é da ordem da língua em atuação, em interação, inserida em ambientes específicos de comunicação social.

A presença dos termos “*Na sua opinião*”, “*Justifique sua resposta*”, “*Explique*” e “*Justifique*” nas questões 08, 09 e 10 caracteriza um objetivo didático de conduzir uma abordagem de língua numa perspectiva de interação. Percebemos que a circulação do gênero reportagem alcança, didaticamente, o lugar de produção de sentidos.

Ao solicitar a opinião dos alunos, o autor do livro em análise traz para a cena da discussão uma atividade que não explora, apenas, exercícios cujos interesses não ultrapassam os limites de uma interação do código com ele mesmo, isto é, atividades de reconhecimento de estruturas que não convocam os alunos a refletirem, discursivamente, sobre as redes de sentidos que o uso de tais estruturas provocam quando inseridas em contextos de vida verbal concreta.

Considerações finais

Em linhas gerais, destacamos a relevância de pesquisas sobre livros didáticos. Tal destaque se dá por dois motivos: o primeiro diz respeito à necessidade de se investir em reflexões acadêmicas sobre materiais didáticos e sobre as concepções de ensino por eles difundidas; e o segundo pela importância que os livros assumem no contexto atual das práticas pedagógicas, funcionando, muitas vezes, como o único recurso utilizado pelos professores em sala de aula.

Em se tratando particularmente do objeto de investigação deste trabalho – a abordagem do gênero jornalístico reportagem no livro didático “*Ser protagonista: Língua Portuguesa*”, verificamos uma didática que convoca um ensino de língua vinculado às práticas sociais de linguagem e, neste cenário, o papel assumido pelos gêneros discursivos aciona o uso de estratégias de ensino que se pautam nas dimensões do *tema*, da *composição* e do *estilo* dos gêneros reconhecidas pelas contribuições da ADD para o ensino de português: um ensino que compreende os gêneros e a didática dos gêneros inseridos no campo da comunicação discursiva – o que responde a pergunta instituída na análise deste trabalho: que relação contempla, ou não, com a teoria de gêneros de Bakhtin?

Nesse sentido, a abordagem do gênero discursivo reportagem no livro didático de Ramos (2013) contempla processos de formação que consideram a eficácia dos gêneros jornalísticos nas situações de comunicação social, acentuando os propósitos comunicativos do gênero, suas características linguísticas e discursivas fortemente vinculadas à teoria dos gêneros jornalísticos, seus suportes de circulação e sua relação com o outro – objetivos das atividades de comunicação em sociedade e do ensino de leitura e de escrita pautado no âmbito das interações sociais de usos linguageiros a partir dos gêneros discursivos.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010b.

LUCENA, E. A. **Os gêneros notícia e reportagem no Livro Didático de Português: por uma perspectiva dialógica**. Monografia apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande – PB. 2015.

TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, R. de A. **Ser protagonista**: Língua Portuguesa. 1º ano. Ensino Médio. 2. ed. São Paulo: SM, 2013.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2009.

XAVIER, M. M. A escrita dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem: características linguísticas e funcionais. In: SILVA, M. F. (Org.). **Na trilha da transdisciplinaridade**: aspectos linguísticos, literários e interculturais e metodológicos linguístico-literários. João Pessoa: Ideia, 2010, p. 124-135.